

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

AMAZÔNIA EM “CHICO MENDES - CRIME E CASTIGO”:
UMA CARACTERIZAÇÃO DIALÓGICA

Bolsista: Eva Maria da Silva Eliziário, FAPEAM

PARINTINS
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0067/2010

AMAZÔNIA EM “CHICO MENDES - CRIME E CASTIGO”:
UMA CARACTERIZAÇÃO DIALÓGICA

Bolsista: Eva Maria da Silva Elizario, FAPEAM
Orientador: Prof. Dr. Antônio Heriberto Catalão Júnior

PARINTINS
2011

Esta pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas – FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas.

RESUMO

O trabalho apresenta os resultados de uma análise discursiva do livro-reportagem “Chico Mendes: crime e castigo”, do jornalista Zuenir Ventura. Teve como objetivo geral responder à questão: como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “Chico Mendes – crime e castigo”? Para tanto, utilizou-se como metodologia de análise de discurso a perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin. Os resultados referem-se à caracterização que o autor faz da natureza amazônica; das relações do amazônida com o meio ambiente; das relações humanas e sociais; e a maneira como é situada a Amazônia em relação ao país. Os aspectos particulares identificados foram articulados em uma compreensão integrada sobre a caracterização que o autor faz da região, em que pode-se perceber que Ventura descreve uma natureza amazônica selvagem e difícil: os obstáculos apontados pelo repórter, os perigos enfrentados, a angústia e as descobertas extraordinárias, são traços observados na voz do autor quando descreve o meio ambiente do lugar. Já a descrição das maneiras como o homem amazônico se relaciona com a natureza da região revela dois grupos antagônicos, um que prima pela preservação e outro que realiza práticas predatórias. Quanto às relações humanas e sociais na Amazônia, a caracterização do autor evidencia a imagem de um espaço de relações sociais contrastantes, onde o povo constrói suas próprias estratégias para sobreviver e conviver com os diversos problemas resultantes da ineficiência de gerenciamento do poder público. Os discursos, em sua maioria, acompanhados de estranhamentos, acabam situando a Amazônia como um lugar afastado, em relação ao país, por conseguinte, arcaico e atrasado, um lugar sem subsídios necessários para a efetivação do desenvolvimento social.

Palavras-chave: Jornalismo; Dialogismo; Amazônia; Reportagem; Livro-reportagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
1.1. A concepção dialógica.....	08
1.2. Gêneros do discurso: livro reportagem.....	09
2. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA	Erro! Indicador não definido. 3
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES PARCIAIS	Erro! Indicador não definido. 5
3.1. O autor e a natureza amazônica	15
3.2. O amazônida e a natureza amazônica	Erro! Indicador não definido. 0
3.3. As relações humanas e sociais na Amazônia	Erro! Indicador não definido. 6
3.4. A amazônia e o Brasil	34
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	42
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

... os enunciados carregam emoções,
juízos de valor, paixões.

José Luiz Fiorin

O presente relatório constitui-se dos resultados do estudo voltado para a enunciação no livro-reportagem “Chico Mendes - crime e castigo”, do jornalista brasileiro Zuenir Ventura, em que a região amazônica é tomada como objeto de discurso. A pesquisa foi desenvolvida a partir da questão: Como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “Chico Mendes - crime e castigo”, de Zuenir Ventura?

Tratou-se de uma proposta de participar do grande diálogo sobre as maneiras como a Amazônia é abordada e “inventada”, como realidade semiótica e como objeto de discursos produzidos em diferentes campos da cultura e da comunicação discursiva. Se é fundamental, para tal diálogo, abordar a “invenção da Amazônia” em relatos de viajantes, exploradores, missionários, como já o fez a pesquisadora amazonense Neide Gondim (1994), é igualmente relevante compreender a maneira como esse processo ocorre no presente, já que tal invenção corresponde a uma dinâmica contínua, inacabável, sempre retomada pelos enunciados e gêneros que nunca deixam de emergir e de se transformar em diferentes campos da comunicação discursiva.

Desse modo, foi como enunciado – vale dizer: como a materialização textual de uma enunciação, de um ato de linguagem por meio do qual seu autor insere-se e assume posições particulares na inacabável cadeia da comunicação discursiva – que foi tratado o livro-reportagem, *corpus* da pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa teve como referencial teórico-metodológico a concepção dialógica da linguagem, tal como ela é proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006).

Com o objetivo geral de contribuir para a compreensão de como a região amazônica é caracterizada no livro “Chico Mendes: crime e castigo”, o estudo seguiu os objetivos específicos de identificar como é caracterizado o meio ambiente amazônico; verificar como são descritas as relações entre o homem e a natureza; saber como são apresentadas as relações

sociais na região amazônica e, ainda, compreender o modo como o autor a situa em relação ao restante do Brasil.

Analisando o modo de enquadramento do discurso de outros sujeitos e grupos sociais neste gênero, teve-se acesso às descrições do autor referente a diversos aspectos da região, isto é, às posições assumidas pelo autor - as falas utilizadas, afirmadas, reafirmadas, negadas, confirmadas - que correspondem, por sua vez, a diferentes posicionamentos ideológicos acerca da Amazônia.

Tais descrições propiciaram as discussões presentes nesse relatório sobre a forma como Zuenir Ventura constrói o discurso referente à Amazônia, a partir do conhecimento da caracterização que o repórter faz da região em alguns de seus aspectos, especificamente, na primeira seção dos resultados, a caracterização da “natureza” amazônica, isto é, os seus aspectos físicos e biológicos gerais. Já a segunda parte refere-se à maneira como o autor descreve as relações estabelecidas entre o homem e a natureza da região. A terceira seção de análise discorre sobre as descrições das relações sociais e humanas na Amazônia. Por fim, a quarta seção de discussões refere-se ao modo como o autor situa a Amazônia em relação ao Brasil. A disposição dessas seções que compõem o terceiro capítulo desse relatório obedece a ordem das etapas propostas como objetivos do estudo.

Além desse capítulo, que apresenta os resultados do estudo, o presente relatório está composto de mais dois capítulos: O primeiro apresenta uma breve fundamentação teórica que discorre sobre algumas principais idéias e conceitos que o estudo abrangeu e está dividido em duas seções, a primeira, de modo sucinto apresenta alguns fundamentos da relação dialógica proposta na concepção de Bakhtin e a segunda discorre sobre os gêneros do discurso, situando o livro-reportagem enquanto tal, que produz e reproduz enunciados. Já, o segundo capítulo do relatório é composto da descrição metodológica adotada no desenvolvimento da pesquisa, ou seja, evidencia o detalhamento do processo de emprego da perspectiva dialógica como metodologia de análise do discurso.

Por fim constam as conclusões e as recomendações referentes ao trabalho, em que se faz as considerações gerais alcançadas com os resultados da pesquisa, procurando-se fazer a correspondência com os objetivos propostos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A concepção dialógica da linguagem

De acordo com a concepção dialógica da linguagem proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006), o diálogo corresponde não apenas ao elemento constitutivo da linguagem e das línguas humanas, mas também a seu modo efetivo de funcionamento na realidade social e material concreta.

Nesse sentido, é no âmbito das relações dialógicas entre sujeitos distintos que se produzem os enunciados, as unidades básicas da comunicação discursiva. Os enunciados são, então, a materialização de uma enunciação, de um ato de linguagem por meio do qual o sujeito insere-se e assume posições particulares na inacabável cadeia da comunicação discursiva.

O comentador José Luiz Fiorin (2006, p. 19) reafirma o pensamento de Bakhtin: “um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por idéias gerais, por pontos de vista”, Isto é, os enunciados são sempre perpassados pela palavra do outro. Nesse caso, “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.” (Idem).

Para estudar esse processo dialógico, Bakhtin indica a metalingüística, que seria diferente da Lingüística, que apenas compreende as unidades da língua e não fornece explicações sobre o funcionamento do uso real da língua. Bakhtin, então, critica a descrição formal, estática e normativa da língua como faz a Linguística, que não considera o contexto real de materialização linguística. A nova ciência proposta por Bakhtin teria como objeto de estudo os enunciados, portanto, as relações dialógicas. Ao falar da diferença dos objetos dessas duas ciências enfatizadas na teoria bakhitiana, o comentador Fiorin acrescenta:

Não é a dimensão que distingue uma unidade da língua de um enunciado, pois este pode ir desde uma réplica constituída de uma única palavra até uma obra em vários volumes. O que os diferencia é que o enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância dos falantes. Um enunciado está acabado quando permite uma resposta do outro. (Idem, p.21)

Desse modo, de acordo com a concepção de Bakhtin, diferentemente das unidades da língua, os enunciados têm autor, assim, sempre refletem a posição de alguém, já que são réplicas. E por serem réplicas são completos, ganham acabamento pelos enunciadores, por

isso admitem resposta, porque são sempre dirigidos a outros, isto é, os enunciados sempre têm um destinatário e assim, nunca serão neutros, nunca serão vazios de sentido.

Com base nessas breves considerações sobre as relações dialógicas evidenciadas por Bakhtin, é possível mencionar aqui os três conceitos de dialogismo definidos pelo autor tomados na obra de Fiorim. O primeiro refere-se ao modo de funcionamento da linguagem de que todos os enunciados constituem-se a partir dos outros. “Um enunciado se constitui em relação aos enunciados que o precedem e que o sucedem na cadeia da comunicação discursiva.” (Ibdem, p.32). Nesse caso, é sempre suscetível de resposta, de uma compreensão responsiva ativa de um interlocutor.

O segundo conceito diz respeito ao enquadramento das vozes alheias em um enunciado, ou seja, ao processo em que o enunciador incorpora ao seu discurso as falas de outros sujeitos. “Essas formas de absorver o discurso alheio no próprio enunciado são a maneira de tornar visível esse princípio de funcionamento da linguagem na comunicação real.” (Ibdem, p.33). Trata-se de um processo em que as vozes são incorporadas no enunciado de forma direta e indireta. Duas orientações, que respectivamente, significam: “conservar” ou “comentar” o discurso citado.

Quanto ao terceiro conceito de dialogismo, Bakhtin infere que “o princípio geral do agir é que o sujeito age em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o princípio de ação.” (Ibdem, p.55). O autor se baseia no fato de que a subjetividade de alguém se dá a partir das relações sociais que vivencia, em que apreende diversas vozes sociais. Isto equivale dizer que é por meio de discursos que o sujeito constrói a sua consciência, a que o autor chama de “consciência sociosemiótica”.

Em síntese, segundo a concepção dialógica bakhtiniana, a enunciação é o produto da interação de dois ou mais indivíduos sociais em um determinado contexto de comunicação, ou seja, a interação verbal ocorre por meio da enunciação, que se dá por meio do diálogo. O diálogo é, assim, a unidade fundamental da língua.

1.2 Gêneros do discurso: o livro-reportagem

Para Bakhtin, “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem.” (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006, p.261). O emprego da língua ocorre por meio de enunciados orais e escritos que refletem as condições específicas que cada campo exige. Muitas são as formas de uso da linguagem, já que muitos são os campos da atividade humana, cada um tem determinadas singularidades.

Trata-se de elementos do enunciado, como o estilo da linguagem, o conteúdo temático e a estrutura composicional, elaborados a partir de condições específicas de um determinado campo da comunicação. Assim, “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (Ibdem, p.262). O autor prossegue:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Nesse sentido, os gêneros dos discursos são constituídos de enunciados que têm determinadas características de acordo com as relações dialógicas dos sujeitos. Por isso mesmo, existe uma infinidade de gêneros discursivos. Nos gêneros escritos, por exemplo, em que cada um tem uma finalidade, sejam eles literários, científicos, publicísticos, jornalísticos, todos apresentam peculiaridades que os distinguem, as quais são elaboradas a partir da representação que o enunciador tem de seus destinatários.

Assim, cada gênero apresenta um estilo de linguagem, uma maneira de abordar o conteúdo a ser transmitido e uma determinada estrutura composicional. As noções que o falante tem de seus destinatários determinam esse processo, a estilística do enunciado, que é individual e, portanto, reflete sempre as posições do falante. Nesse sentido, tudo no texto é intencional, porque o enunciador sabe a quem direcionar a sua fala.

Cabe aqui utilizar a afirmação de Bakhtin: “A escolha de todos os recursos lingüísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada.” (Ibdem, p.306). É assim que o enunciador, nos gêneros discursivos, consegue difundir as suas concepções, o que equivale dizer que o destinatário (ouvinte ou leitor), ao entender o sentido presente no discurso, ocupa ao mesmo tempo em relação a ele uma posição responsiva, concordando ou não. O pensamento bakhtiniano reforça mais:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (p.271)

Desse modo, os gêneros discursivos da complexa comunicação cultural suscitam sempre uma resposta, o próprio enunciador, quando elabora os enunciados em determinado gênero, já é um respondente, porque “ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o

eterno silêncio” (Idem, p.272), mas, ao fazer uso da linguagem, faz também o uso de enunciados já ditos ou escritos, isto é, faz uso de discursos alheios, de outras vozes existentes. Por isso há o empenho do enunciador de elaborar e organizar com cuidado a sua fala, de acordo com os objetivos que se tem para cada campo da atividade humana.

Nesse sentido, falar sobre as posições do enunciador em um determinado gênero da modalidade escrita, por exemplo, equivale, portanto, a identificar a voz do autor no enunciado, bem como a maneira pela qual essa voz se posiciona em relação a outras (explicitamente presentes no texto, por meio de menções e referências diretas, ou não), indicativas de outros sujeitos e grupos sociais – correspondentes, por sua vez, a diferentes posicionamentos ideológicos acerca do mesmo objeto. Assim, qualquer texto está constituído de um grande diálogo.

Toma-se como exemplo aqui, o livro-reportagem como um gênero discursivo, já que é elaborado a partir de um grande diálogo. Antes de abordá-lo como tal, é importante ter clara a sua definição enquanto atividade jornalística. Edvaldo Pereira Lima considera o livro-reportagem como um “veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos.” (2009, p. 26).

Nessa acepção, esse gênero é tido como um veículo de reportagens, definidas como a notícia de forma mais ampliada. O livro-reportagem é visto, assim, como uma extensão da atividade jornalística, em que seu autor prioriza uma abordagem mais ampla em termos de minuciosidades dos fatos e aprofundamento da questão enfatizada, no sentido de descobrir suas ascendências, suas conseqüências e seus desdobramentos possíveis. De acordo com essas funções particulares do livro-reportagem, enquanto um veículo não periódico, Lima deixa em foco alguns procedimentos funcionais que conferem a esse a individualidade jornalística como gênero:

Um dos caminhos viáveis reside no acompanhamento das etapas de elaboração da reportagem – pauta, redação, captação e edição –, evidenciando as limitações da imprensa regular. Pois são exatamente essas limitações, ou as inadequações do jornalismo periódico, os fatores que abrem espaço para o livro, do qual a primeira marca característica, muitas vezes, é a liberdade do autor, permitindo ao jornalista fugir aos ditames convencionais que restringem sua tarefa de construtor de mensagens na imprensa cotidiana (Ibdem, p. 63).

Catalão Júnior (2010), em sua tese sobre o livro-reportagem no Brasil contemporâneo, o aborda, não como veículo, como menciona Lima, mas como um gênero do

discurso, “um tipo relativamente estável de enunciado” – cujo suporte e meio de difusão é o livro –, elaborado em um campo específico da comunicação discursiva (Bakhtin, 2003, p. 262).

Concebido sob essa perspectiva bakhtiniana, o livro-reportagem, enquanto um gênero do discurso, constrói um objeto a partir das relações dialógicas que se dão no âmbito da função jornalística. Assim, todo o conjunto de concepções assumidas por ele constitui-se sempre como réplica de enunciados anteriores. Desse modo, o livro-reportagem, apesar de ter um autor, tem sua origem mais distante em outros enunciados, elaborados por outras vozes, outros sujeitos. É sempre em relação a discursos alheios, portanto, que o repórter estabelece seu olhar e seu discurso próprios acerca do objeto que aborda, a começar pela própria existência deste objeto como algo a ser visado por ele (CATALÃO JR. 2010).

Assim, para se entender o processo de emergência e de configuração do livro-reportagem, é necessário considerar que a sua elaboração, enquanto um gênero, depende das condições específicas de um determinado campo da comunicação discursiva, portanto, não basta compreender somente a evolução desse campo em que o livro é elaborado, mas também das práticas semióticas que suscitam a produção de seus enunciados, isto é, do trabalho de reportagem, “entendido como o esforço planejado de captação e elaboração de informações, por parte de um ou mais jornalistas, para transmissão a um público massivo (difuso, heterogêneo e não-especializado).” (CATALÃO JR., p.69). Sob essa perspectiva é que o livro-reportagem pode ser compreendido como um gênero discursivo do campo jornalístico, já que é constituído a partir de um grande diálogo.

2 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

O livro-reportagem “Chico Mendes - crime e castigo”, de Zuenir Ventura, foi o *corpus* da pesquisa desenvolvida. A obra delineia o mundo social e pessoal de Chico Mendes, o mais conhecido líder sindical e ambientalista da Amazônia, assassinado em dezembro de 1988. Fruto de uma série de reportagens sobre este assassinato, o livro expõe a luta entre os seringueiros e os grandes fazendeiros da região. Trata-se de um gênero discursivo elaborado a partir do diálogo do autor com diversas fontes - amigos, familiares, autoridades e até inimigos de Chico Mendes – e que, por sua vez, constrói, semioticamente, uma realidade amazônica.

Por isso, a perspectiva dialógica, tal como ela é proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006), foi adotada como metodologia de análise do discurso. Para Bakhtin é no âmbito das relações dialógicas entre sujeitos sociais distintos que se produzem os enunciados, as unidades básicas da comunicação discursiva.

Nesse sentido, o livro-reportagem foi abordado como enunciado, visando a identificar, compreender e caracterizar as posições assumidas pelo autor em relação à região amazônica, considerando-se que tais posições são construídas em relação a outros discursos, outros pontos de vista, outras caracterizações que vozes sociais distintas produzem acerca de uma Amazônia sempre revisitada, retomada, reinventada.

Tal procedimento metodológico foi utilizado em quatro etapas de pesquisa, cada uma dedicada ao enfrentamento de uma questão particular. Tais etapas foram realizadas por meio de um trabalho de investigação que, inicialmente, consistiu na identificação dos diálogos, das referências, das fontes presentes no texto de Ventura. Ao mesmo tempo, foi realizado um trabalho de análise do modo de enquadramento desses recursos, isto é, dos discursos do autor e dos de outros sujeitos neste gênero-reportagem, que no texto aparecem de forma direta e indireta. Teve-se, assim, acesso às falas utilizadas e às posições assumidas pelo autor acerca da Amazônia.

Para a realização desse procedimento foi feito um trabalho de leitura de algumas bibliografias que abordam a concepção Bakhtiniana sobre o dialogismo, o que facilitou o entendimento das formas como Zuenir Ventura utilizou e enquadrou os discursos no enunciado do livro-reportagem, e, por conseguinte, o registro desses discursos diretos e indiretos. Duas orientações, que respectivamente, significam: “conservar” ou “comentar” o discurso citado. A primeira conserva a integridade e autenticidade do discurso do outro, além de trazer consigo um grau de “firmeza ideológica”, autoritarismo e dogmatismo. Já na segunda orientação, os índices de valoração do autor são mais visíveis: trata-se de uma

transmissão analítica do discurso do outro. É a marca direta do dialogismo e que aparece com freqüência na narrativa de Ventura.

A partir desse processo de identificação e seleção das diversas falas utilizadas por Zuenir Ventura no livro, passou-se a identificar e analisar os posicionamentos, as concepções do autor por meio dessas falas relacionadas à Amazônia. E assim foram cumpridos os objetivos propostos no projeto de pesquisa.

Em um primeiro momento, foi estudada a caracterização que o autor assume em relação à região amazônica em seus aspectos físico-gerais (seu clima, relevo, vegetação, fauna, hidrografia – enfim, sua “natureza”); A seguir, foi observada a maneira como o autor se refere às relações que homem amazônico estabelece com o meio ambiente da região; Em um terceiro momento, a investigação teve como objeto a caracterização das relações humanas e sociais na Amazônia; E, finalmente, na quarta etapa de pesquisa, abordou-se o modo como o lugar é situado no espaço territorial brasileiro e no mundo.

Com os resultados dessas quatro etapas desenvolvidas, isto é, cumprindo-se os objetivos específicos da pesquisa, os aspectos particulares verificados foram articulados em uma compreensão integrada sobre a caracterização que o autor faz da região.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES PARCIAIS

3.1 O autor e a natureza amazônica

Na caracterização da natureza amazônica, no livro-reportagem “Chico Mendes: Crime e castigo”, Zuenir Ventura (2003) evoca sempre a predominância de um meio ambiente selvagem. Os obstáculos apontados, os perigos que ele diz ter enfrentado, a angústia, o medo, as descobertas extraordinárias, são traços observados na voz do autor quando descreve a natureza amazônica.

Com base na constatação desses traços e nas inferências de Neide Gondim (1994) sobre o dualismo inferno/paraíso, projetado nas obras teóricas e nas narrativas de viajantes, pode-se dizer que Ventura - apesar de não afirmar isso na obra - descreveu a natureza amazônica a partir de uma perspectiva semelhante à do “inferno verde” de Rangel (2001), em que a floresta é concebida como um grande obstáculo para a ação humana.

O autor não fala de maravilhas naturais, como fizeram muitos viajantes que apresentaram a região como “um paraíso perdido”, mas de uma natureza que desafia e dificulta a existência do homem (GONDIM, 1994). Ventura, um jornalista vindo do Rio de Janeiro, tem uma visão mais moderna sobre a natureza, não entoando o réquiem à natureza. Em suas descrições, há a indicação de uma natureza infernal e não paradisíaca.

A fauna e a flora não são tidas como extraordinárias nos discursos, mas como difíceis e arriscadas. Ele as descreve com base nas suas próprias experiências vividas durante a sua estadia no Acre, por isso é fácil perceber nos seus discursos o seu descontentamento com essas particularidades do lugar, que denotam a concepção da Amazônia como “inferno verde”. A afirmação de Gondim sobre essa metáfora, tal como foi utilizada por muitos escritores, pode fundamentar melhor esse pensamento:

De uma forma quase sempre parecida, o deslumbramento inicial ante à pujança da natureza é seguido por um como que descontentamento pela não comprovação de, talvez, uma imagem idílica ou paradisíaca – figura arquetípica – de um mundo natural que não recebe o viajante [...] com as comodidades que ele gostaria que acontecessem. O estrangeiro é sufocado pela natureza que o martiriza com a sua fauna e flora aérea ou rasteira. (Ibidem, p.39)

A afirmação da autora vai ao encontro do que se percebeu na voz de Ventura sobre a natureza amazônica. Considera-se que as afirmações do autor indicam a sua surpresa e a inquietação com os aspectos naturais do lugar. As descrições do autor deixam visível um certo

incômodo e desconforto. Quando, por exemplo, se refere às questões do clima amazônico, é notório o seu desconforto com o calor da região: “... conseguiu do Tribunal de justiça um aparelho de ar condicionado porque o calor é insuportável.” (p.65). “Eu não agüentava mais de calor e de sono.” (p.84). “Às dez horas da noite Roberto não conseguia dormir por causa do calor.” (p.94).

Mesmo quando apresenta satisfação e surpresa com os momentos em que não fazia calor na região, Ventura deixa implícito esse descontentamento. Os recortes a seguir podem ilustrar essa questão: “... a chuva caía como quase já não cai agora nesse fim de inverno/começo de verão aqui...” (p.22). “... uma inesperada primavera parece quebrar a monotonia de um clima que serve as quatro estações em apenas duas doses por ano: calor com água no inverno e puro no verão (p.77).

Chegamos ao presídio às 13:30 de um sábado inacreditavelmente frio, graças a uma súbita inversão térmica, a friagem, que ocorre raras vezes por ano no Acre. De um dia para o outro, os termômetros caíam quase trinta graus. O advogado calculou que devia estar menos de dez graus, e principalmente o meu nariz acreditou, enquanto meus olhos duvidavam daquela paisagem incongruente: pessoas agasalhadas, tiritando de frio, cobertas pela poeira tropical. Não podia ser a Amazônia. (p.139).

Como se vê, ao mencionar fenômenos atípicos do lugar, Ventura deixa em foco a sua perplexidade. Por isso, é correto afirmar que Ventura demonstra aversão ao clima quente da região. Os discursos apresentados aqui são bem enfáticos e indicam sempre a predominância de um clima quente na Amazônia.

A inquietação do autor também é constatada nos comentários dispensados à caracterização dos rios da Amazônia. O autor não se reporta às potencialidades imaginárias desses rios, mas às grandes extensões de águas quando se refere às grandes distâncias percorridas nas viagens que tinha que realizar para se locomover na região: “O rio Acre em Xapurí é tão indolente que em alguns trechos, certamente por preguiça, ele nem se dá ao trabalho de indicar se está descendo ou subindo...” (p.42); “Descendo o lerdo e barrento rio Acre naquela tarde cheia de sol e mosquitos, eu continuava admirando Chico Mendes...” (p.56).

Percebe-se nesses discursos que Ventura enfatiza o aspecto natural dos rios da Amazônia e certo incômodo o fato de terem o curso conduzido por si próprios; de serem indiferentes ao homem; de terem as distâncias que têm: extensas. Por isso, Ventura os

caracteriza como vagarosos e lentos e, assim, mais uma vez, fica visível o seu estranhamento com essa questão natural da região do Acre.

Tal estranhamento é mais forte nos discursos referentes à fauna amazônica, quando a visão do “inferno verde” é mais visível. O autor dá ênfase, por exemplo, à presença constante dos mosquitos. Os discursos expressam a inquietação do autor com esses bichos: “Quando estive com ele, no dia 19 de abril de 1989, como um cliente razoavelmente picado por mosquitos e, por isso, necessitando de um médico de ‘doenças da pele’...” (p.75) “a camiseta de mangas compridas e um tubo de antialérgico não afugentavam os mosquitos...” (p.94); “Consigno uma bicicleta para dar um passeio contra ao vento e me livrar um pouco dos mosquitos do fim da tarde.” (p.117).

O descontentamento de Ventura também é evidente quando descreve os movimentos dos mosquitos. As descrições são tão criativas que chegam a antropomorfizar esses bichos, isto é, sugerem singularidades próprias de seres humanos, como nesses dois trechos, por exemplo, em que o autor deixa evidente que os mosquitos têm discernimento e consciência de seus atos. Nesse primeiro, ao falar da organização da sala de audiência no fórum da cidade de Xapuri, Ventura descreve o lugar reservado aos magistrados e o lugar reservado às outras pessoas, enfatizando os mosquitos como entendedores dessa divisão. Observe-se:

...até os mosquitos respeitavam a divisão de níveis [...] Das seis às oito horas, eles estavam particularmente vorazes, talvez porque houvesse no recinto sangue tipo Sul maravilha. Eram muitos e alguns voavam em formação, se desviando da corrente de ar do ventilador, subindo e descendo em rasante, como fazem as esquadrilhas da fumaça [...] Havia outros campos de repouso [...] mas eles atacavam preferencialmente a minha careca. (p.70).

...a praça da igreja seria um paraíso, se essa também não fosse a hora escolhida pelos mosquitos para saírem às ruas. Mas os mosquitos da Amazônia lembram um pouco a poluição das praias cariocas. Quem chega acha que a convivência é impossível, depois se acostuma ou cria anticorpos. É bem verdade que até criar essas defesas, haja sangue (p.77).

Como se vê, o autor mostra-se incomodado com a presença constante dos mosquitos, bem como impressionado com o fato de o povo da Amazônia conviver normalmente com isso. Ele chega a afirmar que os mosquitos não atacam às outras pessoas, mas especialmente a ele.

Nos recortes que seguem, quando se refere a animais mais selvagens, também é evidente o seu desconforto. A cobra, por exemplo, é sempre mencionada pelo autor, quando põe em destaque a sua fobia por esse animal: “Meu medo de cobra me levou para cima (...)”

(p.115); “... os dois me atormentaram com os casos de cobra e de outros astuciosos bichos.”
(p158);

Com fobia doentia de cobra, a ponto de não poder vê-las nem em foto, procuro controlar o meu pânico enquanto vou ouvindo as lições de Nilson [...]: “É preciso tomar cuidado porque você pode estar pegando sem saber uma tucandeira, um escorpião ou uma papagaia”. Dos três eu só conhecia escorpião, do qual não tinha boas recordações: meu pai já fora mordido e sempre dizia que a dor era insuportável. [...] Tomo coragem e pergunto o que é tucandeira.

- É uma formiga que a picada chega doer vinte e quatro horas.

Até aí tudo bem, troco uma visão de cobra por qualquer dor.

- E a papagaia? – pergunto já com medo do que pudesse ser.

- É uma cobrinha muito venenosa que gosta de ficar em cima das árvores – esclareceu Nilson, tranqüilo como se estivesse falado de uma borboleta. – Se balançar os galhos ela pode cair em cima de você. (p.202)

O recorte engloba a descrição de uma série de bichos em um único diálogo e refere-se à situação em que Ventura vivenciou, em Xapuri, quando visitou os seringais de Cachoeira e Equador, juntamente com alguns líderes seringueiros moradores da região. Ao falar dessa visita, Ventura menciona a sua fobia por cobra e a presença de bichos como a tucandeira, o escorpião e a papagaia.

O diálogo enquadrado na narrativa de modo direto fornece detalhes minuciosos desses bichos, em que autor transmite o seu sentimento de medo e ao mesmo tempo transmite a tranqüilidade com que Nilson, que vive na região, fala de cada um desses animais venenosos. O autor não somente descreve os bichos como também os seus efeitos sobre o homem. Apesar de ser uma descrição assustadora e repulsiva, é uma descrição que deixa em foco a concepção de que é comum na Amazônia a convivência do povo próxima a animais selvagens. O recorte abaixo também ilustra essa análise:

O juiz contou como, numa madrugada, acordara com uma sensação estranha de coceira na mão, depois no braço. Em seguida bolhas vermelhas tomaram conta do corpo todo e uma inchação repentina começou a fechar seus olhos [...] Foi nesse momento que viu atravessando o quarto, cabeluda, horrorosa, uma aranha caranguejeira do tamanho de um pires de café (p.158).

Assim como nesse trecho, em muitos outros, dispensados à fauna amazônica. Ventura deixa em foco o seu descontentamento, indicando sempre uma convivência habitual do povo junto aos bichos. São trechos que demonstram uma natureza amazônica selvagem, o que também fica evidente quando o autor se refere à vegetação do lugar.

Apesar de não dispensar muitas descrições sobre esse aspecto natural, o repórter sempre evoca na narrativa as palavras “floresta”, “selva”, “mata”, como nos trechos que se seguem: “O sargento não agüentava mais de impaciência para entrar na selva. Ele e seus homens conheciam bem a mata” (p.24, grifo meu); “... dava outra lição e voltava pra mata pra colher” (p.45, grifo meu); “O golpe de 64, Chico acompanhou por um rádio que seu professor conseguiu levar para a selva, [...] aquele ouvinte atento perdido na selva amazônica” (p.46, grifo meu); “... ele que, há quase quinze anos, fora meu cicerone, paciente e incansável, pelos misteriosos caminhos da floresta e do rio Acre. (p.193, grifo meu).

Atendo-se aos significados dessas palavras, pode-se dizer que Ventura indica uma vegetação densa na Amazônia, com uma aglomeração carregada e extensa de árvores como ambiente do homem (INSTITUTO ANTONIO HOUAISS, 2001). Os discursos que se seguem ilustram muito mais essa descrição. Neles, o autor reserva comentários às árvores que cobrem uma vasta área: “A floresta é escura e ameaçadora. Para disputar a luz do sol, as árvores atingem alturas inacreditáveis para espalhar a sua folhagem. Parece que só 10% da luz solar chega ao solo” (p.116, grifo meu); “... olhei para cima e não vi o céu, só árvores, milhares, enormes.” (p.202, grifo meu).

A partir de todas essas descrições, é possível imaginar a calma e o silêncio de um lugar cercado por árvores. Assim, Ventura sugere uma mata selvagem que se desenvolve sem controle, selvagem, uma natureza não civilizada, não domesticada, feroz (animalesca) (INSTITUTO ANTONIO HOUAISS). No trecho que se segue, essa concepção fica mais evidente.

Mas para isso seria preciso transpor uns trezentos metros de trilha, ou melhor, “picada”, com tocos de árvores pelo chão, galhos ameaçando os olhos, troncos atravessados, folhas espalhadas, uma série, enfim, de obstáculos que um bicho do mato tira de letra e um bicho do asfalto considera quase impossível. (p.201).

O autor descreve o local, considerando-o tomado por “obstáculos” e definindo o amazônica como um bicho do mato, por conseguir conviver nesse ambiente de “obstáculos”. É possível perceber, então, que a todo momento, é suscitada uma natureza mais propícia aos bichos. Talvez por isso ele use muito as expressões “selva”, “mata” e “floresta” e enfatize muito a convivência do povo junto a essa natureza.

Com base nessas considerações apresentadas aqui, pode-se afirmar que, mesmo enfatizando um povo habituado com as singularidades do meio ambiente amazônico, Ventura faz descrições que o denotam com uma natureza pura, não domesticada, selvagem. Em

nenhum momento o autor põe em destaque uma natureza bela e bucólica, onde se pode ter prazer em conviver em harmonia com os bichos, com a mata, com os rios.

Ao fazer essa caracterização, Ventura enfatiza a concepção de uma natureza amazônica mais apropriada aos animais. O repórter não transmite maravilhas e aspectos de exuberância da floresta. Na verdade, o que prevalece no texto é sempre a concepção do inferno verde, um lugar difícil de viver, isto é, um meio ambiente amazônico inóspito.

3.2 O amazônida e a natureza amazônica

Ao descrever a Amazônia como o cenário de um mártir - Chico Mendes, que chamou a atenção para a gravidade dos problemas relacionados à floresta Amazônica - Zuenir Ventura descreve as relações estabelecidas entre o homem amazônida e a natureza amazônica. Trata-se de uma caracterização que enfatiza a região com uma grande diversidade de riquezas naturais sofrendo as intervenções humanas, por meio de atividades de exploração econômica: agricultura, pecuária, extrativismo e outras formas de utilização do solo.

Os discursos do autor referentes às relações do homem com a natureza indicam o território acreano como o palco de constantes disputas entre os seringueiros, ribeirinhos, índios e os grandes latifundiários, madeireiros e agropecuários. De um lado, o grupo de “integrados” à natureza, que defende a preservação ambiental, e de outro, o grupo de “estrangeiros”, aquele vindo de outros lugares; um grupo estranho à realidade do lugar, com concepções deslocadas em relação a essa natureza; um grupo que vive do desmatamento desordenado da Amazônia. O recorte que se segue é bem elucidativo quanto à presença desses grupos opostos na região: “Darly contou que ouvira certa vez de Chico Mendes: ‘Seu Darly, seu caso é fazenda, o meu é reserva extrativista’”. (p.166 e 167, grifos meus).

Ventura constrói os enunciados tendo como base esses dois pólos: os “integrados” e os “estrangeiros” da natureza amazônica. E no centro das discussões, evidencia Chico Mendes, como um líder dos “integrados”, que defendia o fim do desmatamento da Amazônia; as soluções para o extrativismo e a produção auto-sustentável para as famílias do lugar.

À frente dos seringueiros que organizou, ele desenvolveu táticas pacíficas de resistência com as quais defendeu a Amazônia, que a partir dos anos 70 sofrera um acelerado processo de desmatamento para dar lugar à grandes pastagens de gado. [...] Suas idéias provocaram a reação violenta de latifundiários, madeireiros e dos grandes projetos agropecuários que viviam do desmatamento desordenado da Amazônia. (p.10).

Seja com o discurso de preservação, seja com o discurso de devastação, Ventura deixa em foco um povo que busca o desenvolvimento social a partir de maneiras diferentes de se relacionar com a natureza. Ao mesmo tempo em que Ventura indica um homem “conectado” à natureza, que a transforma, mas a preserva, já que precisa dela para sobreviver, indica o “estrangeiro”, um homem que também precisa, mas a transforma de um jeito agressivo, irresponsável e sem limites.

Quando se refere à ação do grupo integrado, Ventura evidencia os recursos da natureza como suprimento das necessidades do povo. Esses trechos ilustram esse aspecto: “Pequena clareira na floresta onde os seringueiros vivem e trabalham na extração do látex, na coleta de castanha e no plantio de agricultura de subsistência.” (p.50). “As reservas dão sustento aos milhares de famílias que trabalham nelas e são uma forma de preservação da natureza.” (p.79).

Já nestes, referentes à ação dos “estrangeiros”, Ventura os descreve como aqueles que almejam grandes extensões de terra: “Os dirigentes da UDR, entre outros fazendeiros, pressionavam o convidado para que ele revogasse a suspensão de um desmatamento de mil hectares na Fazenda Paloma.” (p.98); “Luis Augusto ressalta: ‘Não que os interesses dos pecuaristas e os do governo sejam os mesmos’. Eles não se conformam, por exemplo, com os 20% que lhes é permitido desmatar para fazer pasto.” (p.221).

Nos recortes que se seguem, o autor detalha a forma como é extraída a madeira pelo grupo integrado: “Essa ‘coisa’ era o manejo florestal, que o professor Rego [...] já ensinara ser um conjunto de técnicas e modos de extração da madeira, o que significa explorar a floresta sem destruí-la.” (201).

O gerente vai nos mostrando a oficina e explicando o processo de fabricação. Ali se aproveita a árvore inteira, da raiz aos galhos, inclusive os defeitos, não apenas a parte nobre. [...] Dezenove famílias de seringueiros cuidam da extração, que obedece a critérios rígidos. (p.199).

Outro caso descrito por Ventura que pode ser concebido como uma visão de integração à natureza, mesmo causando-lhe transformações, é o caso da BR-137, que liga Rio Branco a Assis Brasil, na fronteira com o Peru, que sofrera, a princípio, algumas restrições:

... a polêmica BR-364 teria um impacto ambiental muito negativo, além de passar por áreas de solo frágil por causa das fortes chuvas [...] Flaviano mobilizou sua jovem equipe de técnicos da Fundação de Tecnologia do Acre – a FUNTAC – e elaborou um detalhado plano, o Projeto Acre: humanizar o desenvolvimento. A partir de um inventário completo que as imagens de satélite fornecem sobre clima, relevo, drenagem e solo, o Projeto criou o

zoneamento agroecológico, para evitar o que tem acontecido sempre que se constroem estradas na Amazônia: a ocupação desnorteada e devastação desenfreada. (p.106).

Ventura descreve, então, uma medida humana integrada à natureza, o zoneamento, que é o resultado de pesquisas dirigidas para o conhecimento das características do meio, a partir de aspectos ambientais escolhidos em determinado lugar. Ao fazer isso, o autor põe em foco aqueles que sabem que é necessário precaução antes de qualquer intervenção humana no meio natural. Ao mesmo tempo, Ventura coloca em ênfase as conseqüências das relações deslocadas que uma minoria estabelece com a natureza:

...deputados da oposição acusavam o governo Jorge Viana de ter desmatado mais do os anteriores. A denúncia, baseada numa verificação atribuída ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), dizia que o Acre estava perdendo 1% de sua cobertura vegetal por ano [...] no ranking dos estados da Amazônia Legal que mais desmatam, no período de 1988-2002, o Acre ocupa o sétimo lugar, entre, nove pesquisados. O estado responderia assim por 2,7% da área desmatada, perdendo apenas para Roraima (1,1%) e Amapá (0,3%). O primeiro colocado seria o Pará, com 33,9% de desmatamento. Durante o governo Jorge Viana, a taxa média de desflorestamento seria também inferior à da Amazônia em geral: 0,32% contra 0,40% contra 0,52% em 2000 e 0,31% contra 0,52% em 2001. (p.190).

O autor fornece, então, uma caracterização dos efeitos da intervenção desordenada sobre a natureza da região amazônica, o desmatamento. O autor dá maior autenticidade a essa caracterização quando fornece dados estatísticos de uma fonte oficial. É possível perceber que se trata da situação do desmatamento de alguns estados da Amazônia, mas o autor acaba generalizando para toda a Amazônia.

Ao focar outras formas de relação do homem com a natureza, Ventura enfatiza a região amazônica como fronteira de recursos para as simples necessidades do povo e para setores econômicos estabelecidos fora da região, como nestes recortes:

Ele mesmo procurou me convencer a realizar outra experiência fitoterápica a que acabara de se submeter. Tratava-se da “vacina do sapo” ou “Kambô”, que consiste na aplicação de uma secreção retirada de uma espécie de rã que habita próximo aos igarapés nos períodos de chuva. A coleta do material é feita de madrugada e exige conhecimentos que são transmitidos de geração para geração. (p.158).

Não por acaso, tem recrudescido na Amazônia a biopirataria, a espionagem científica, o contrabando, a apropriação de fórmulas medicinais e de recursos fitoterápicos. “Não existe indústria de remédio daqui para

frente sem o conhecimento tradicional, que é prático e ao mesmo tempo simbólico, mas sobretudo real. Por isso está sendo roubado.” (p.189).

Nota-se que Ventura menciona aqueles que conhecem os produtos que têm valores fitoterápicos, na região, mas que fazem uso disso apenas para algumas necessidades e não como uma atividade rentável como a fazem os exploradores ilegais, que vêm nesses produtos um importante dinamizador econômico. Junto com esses discursos, em que o amazônida é concebido como uma pessoa que conhece e sabe cuidar da floresta, o autor coloca em ênfase a ausência de políticas públicas capazes de abranger os conhecimentos das populações tradicionais e colocar em prática propostas para a sustentabilidade da Amazônia. O trecho a seguir é bem mais enfático:

Algumas autoridades com quem conversamos, inclusive o governador, não fazem muita fé na viabilidade da Cooperativa. Aliás não fazem muita fé na própria viabilidade econômica da atividade extrativista tal como é exercida, de maneira artesanal, sem apoio de culturas perenes, sem subsídios do governo. (p.82).

Como se vê, Ventura destaca a carência de incentivos às atividades de preservação dos recursos naturais, isto é, o descaso das autoridades governamentais para com a criação e regulamentação de espaços territoriais às atividades do extrativismo. São discursos que indicam como é difícil o processo de preservação da floresta na região amazônica sem o incentivo público e que acabam afirmando a predominância e realização dos projetos lucrativos dos “estrangeiros”.

O autor sempre evidencia um conflito motivado por questões socioeconômicas, políticas e de projetos governamentais de ocupação da região. Os sérios problemas sociais decorrentes dessa relação conflituosa também são descritos pelo autor. O assassinato de líderes ambientalistas como Wilson Pinheiro e Chico Mendes são descritos como as provas dos efeitos trágicos da disputa pelos recursos naturais da Amazônia:

Em 1980, quando assassinaram Wilson Pinheiro, em Brasília, primeiro grande líder seringueiro da região, o movimento quase acabou. Haviam sobrado dois líderes – Chico Mendes e Raimundo de Barros, seu primo -, ambos marcados para morrer. (p.84).

A visita de agora seria na região em Chico começou a morrer. Pouco antes, Júlio me dissera: “O empate do Cachoeira foi que levou o Chico direto para a boca da espingarda”. Ele ainda realizaria mais um confronto, o último, no Seringal Equador. (p. 200).

Percebe-se que Ventura reforça a concepção de que a resistência ecológica na região amazônica pode ter um preço muito alto, evidenciando, assim, a vulnerabilidade daqueles que vão de encontro com as ações predatórias. Diversos trechos ilustram essa questão, como esse:

Quero apenas que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços sob a proteção da Policia Federal do Acre que, de 1975 para cá, já mataram mais de 50 pessoas como eu, líderes seringueiros empenhados em defender a Floresta Amazônica. (p.67 e 68). (Grifos nossos)

O trecho deixa em foco o poder que os “estrangeiros” têm a seu favor e, portanto, a fragilidade dos que lutam pela sustentabilidade da Amazônia. Analisando tais trechos, é possível perceber as ações violentas desse primeiro grupo sobre o segundo. Comparando esses trechos com os que se seguem, percebe-se que Ventura estabelece grandes diferenças nas formas como esses grupos defendiam os seus interesses. Estes recortes descrevem como os seringueiros atuavam para impedir as ações de desmatamentos.

Eram cem seringueiros diante de cinquenta policiais armados tentando garantir o desmatamento. De repente, de improviso, as mulheres e crianças do seringal começaram a cantar o Hino Nacional e os soldados se perfileram em posição de sentido. O comandante da operação não viu outra saída senão suspender a derrubada. (p.200).

Estratégia que consiste em reunir um grupo de cem a duzentas pessoas (homens, mulheres e crianças) numa área condenada a virar pasto para gado. O cordão humano impede o desmatamento e mantém vivas as árvores, de onde as famílias tiram o seu sustento. Chico Mendes liderou vários empates nos seringais de Xapuri e os tornou nacionalmente conhecidos. (p.49).

Percebe-se, então, que enquanto os “estrangeiros” defendem seus interesses por meio de ações violentas, os “integrados” agem de modo simples, às claras, de modo pacífico. De um modo geral, o autor dialoga com a concepção de que há o avanço de atividades clandestinas consolidando-se a partir da impunidade e ganância de uma minoria, e, principalmente, porque existe a conivência de pessoas envolvidas com setores públicos.

É importante ressaltar que a maior parte das informações sobre as formas de relação do homem com a natureza, já expostas aqui nessa caracterização dialógica, Ventura constatou nos anos de 1988, logo após a morte de Chico Mendes, e em 1999, quando volta para o julgamento dos assassinos. Ao falar dessa mesma relação constatada quinze anos depois, em 2003, quando revisita a região, o autor, apesar de evidenciar algumas diferenças quanto aos diversos pontos já discutidos aqui, ainda indica a presença desses dois grupos.

O autor descreve um clima mais calmo entre os extrativistas e os fazendeiros. Ambos com disposição maior para o diálogo: “Arquilau não tem dúvida de que os tempos são outros e que o deslocamento do foco – ‘a luta pela terra foi dando lugar à luta pelo meio ambiente [...]’ – ajudou no ‘esfriamento das tensões no campo’”. (p.208); “Aqui a gente pactuou. Sentaram juntos o índio, o fazendeiro, o seringueiro, para fazer o zoneamento. Por isso funciona melhor do que se fosse uma lei.” (p.221).

Ventura não indica grandes mudanças e sim algumas perspectivas dos sujeitos “integrados”. O que fica bem evidente é a reafirmação do avanço das ações deslocadas sobre a natureza. O recorte que se segue ilustra essa questão, em que Ventura dá destaque às dúvidas que teve diante de algumas observações na região:

O Acre, segundo seu governador, tem condições de oferecer a um mundo em crise ambiental, cercado de poluição e em plena exaustão de seus recursos naturais, um modelo de gestão integrada, de preservação, de convivência entre a natureza e o homem, de harmonia entre desenvolvimento econômico e conservação ecológica. Mas até que ponto esse modelo está sendo em prática efetivamente? Que obstáculos podem se opor à sua permanência? O entusiasmo de Viana, sua energia e otimismo não dão margem à dúvidas. Sua boa fé se alimenta das boas intenções de fazendeiros como aqueles que eu havia entrevistado. Mas seriam os dois uma amostragem ou a exceção? (p.223).

O que se pode concluir é que Ventura continua afirmando o avanço das atividades desordenadas e a atividade extrativista como um processo muito difícil de se efetivar na região. E que o impasse entre os dois modelos de intervenção humana na natureza, antes muito acirrados, ainda prevalece, de modo mais sutil ou até camuflado, mas muito forte no que se refere aos interesses econômicos dos “integrados” e dos “deslocados”.

O modelo de desenvolvimento está no centro das divergências. Os dois produtores não acreditam no futuro da atividade extrativista [...] “a verdade é que a atividade florestal ainda não se mostrou viável economicamente” [...]“Hoje no Brasil não é mais pecado ganhar dinheiro e a pecuária dá dinheiro. Ninguém desmata por prazer.” (p.220).

Só o tempo confirmará com quem está a razão, se de um lado ou do outro. Ou dos dois, já que não ouvi propostas excludentes do tipo “ou nós ou eles” – ou extrativismo ou a pecuária. Sabe-se que os pactos são uma construção delicada. A dificuldade é que, por natureza, eles exigem que as partes estejam dispostas não a ganhar, mas a perder. (p.221).

Como se percebe, mesmo após quinze anos, Ventura descreve um panorama amazônico em que a natureza amazônica é disputada por dois grupos. O desafio de

sustentabilidade é ainda afirmado, bem como a ampliação da pecuária e seus efeitos sobre a natureza. Os discursos são bem elucidativos e continuam transmitindo dois tipos de relação entre o homem amazônida e a natureza amazônica, a integrada e a deslocada.

3.3 As relações humanas e sociais na região amazônica

Os discursos referentes às relações humanas e sociais na região amazônica deixam em foco a carência de implementação de políticas públicas voltadas para as necessidades da população, suscitando, assim, diversos problemas sociais, principalmente no que se refere ao modelo de desenvolvimento vigente no lugar, no sentido de maior justiça social e no uso racional e conservacionista dos recursos da natureza.

Em tais discursos, a ideia de desigualdade social é sempre manifestada. Pode-se, assim, se fazer alusão à voz de Bourdieu que enfatiza a ideia de região relacionada ao princípio da divisão. Assim, uma região deve ser vista como o resultado de “lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer [...] de impor a definição legítima das divisões do mundo social.” (BOURDIEU, 1989, p.112). A partir dos enunciados que elucidam as descrições das diversas formas de relações de poder existentes na região, acredita-se que a Amazônia é assim percebida por Ventura.

O ponto central da obra de Ventura, de onde são desencadeadas e descritas todas as demais relações humanas e sociais que se passam no lugar, é a luta dos tradicionais povos da região (seringueiros, índios, ribeirinhos) contra os poderosos interesses de fazendeiros e pecuaristas da região. Luta que ilustra bem a disputa pelo monopólio e, conseqüentemente, as desigualdades sociais na região. Nesta voz de “Professor Rego”, um agrônomo cearense que morava no Acre, há 35 anos, Ventura sintetiza as intenções de lados antagônicos presentes na região: “Para o seringueiro não é importante ter a propriedade da terra, mas sim ter acesso aos recursos da floresta, que é onde ele mora e de onde tira seu sustento”. (p.191).

Assim, é possível entender que há um povo que luta pelos recursos da floresta, e outro que almeja grandes extensões de terras. Este primeiro é descrito como um povo que se articula de modo independente para realizar seus projetos. Os trechos que se seguem apresentam algumas das relações desenvolvidas por esse povo:

Principal bandeira de Chico Mendes, as Reservas Extrativistas são áreas pertencentes à União com usufruto dos seringueiros, que se organizam em cooperativas e associações, não havendo título de propriedade. As

reservas dão sustento aos milhares de famílias que trabalham nelas. (p.79, grifo meu).

O Projeto Seringueiro, em seis anos construiu 23 escolas, sete a mais do que o município em mais de um século. Essa iniciativa, no plano da educação, e a Cooperativa, em termos econômicos, criaram em Xapuri um modelo que pode se estender a todo o estado ou à toda a Amazônia, como sonhava Chico Mendes. (p.81, grifo meu).

Chico Mendes, seringueiro, que depois se tornou líder sindical e ambientalista, é tomado por Ventura como representante dos seringueiros e extrativistas que agora, com sua morte, viabilizam as mesmas ações sonhadas e iniciadas por ele. E aí o autor destaca o movimento social como uma importante arma dos tradicionais povos da Amazônia na luta pelos seus direitos.

Ventura destaca, assim, um povo que cria suas próprias ações para driblar o descaso do poder público. Com as cooperativas, por exemplo, o povo tenta organizar seu modo de vida, baseado na extração de produtos da floresta e, assim, aliar sustentabilidade de produção e qualidade de vida para os que dependem dos recursos da natureza. O trecho que se segue também ilustra a questão: “Assis informou que a Cooperativa já havia comprado a borracha dos seringueiros este ano e só não havia feito o mesmo com a castanha por falta de capital de giro. Fora isso, o apoio era integral.” (p.81).

Já com o Projeto Seringueiro, os cooperativistas ganham mais organização; a alfabetização é levada a vários locais da floresta e os seringueiros começam a aprender a ler e a escrever, além de preencher as lacunas deixadas pela ausência de políticas públicas voltadas para o setor da saúde. Observem-se os trechos:

Regina, uma professora paulista, acompanha o projeto seringueiro há seis anos, e com Maria Lúcia Martins, uma matemática, e Nieta Lindemberg, uma doutora em línguas, estavam preparando os monitores. Assis é uma espécie de mestre de todos [...] Além de presidente da Cooperativa e, como professor, formador de consciência de seus companheiros, ele é também agente de saúde, uma figura criada pelo Projeto para ocupar o espaço dos inexistentes médicos e melhorar, por exemplo, os conhecimentos empíricos das parteiras. Numa comunidade extremamente fértil, cujas famílias geram frequentemente, dez, doze filhos, pode-se imaginar a importância desses agentes. (p. 80).

... o que mais agradava os monitores nessa atividade de aprender e ensinar era a sua importância prática.

- Antes, o fazendeiro chegava com o papel e mandava assinar. No dia seguinte vinha a intimação. Agora não, quando manda assinar a gente pega o papel e vê o que ele está contando. A gente então decide se pode assinar ou não. (p.83).

À medida que Ventura põe em foco essas iniciativas organizadas pela população para garantir a gerência dos recursos ambientais, a geração de renda e melhores condições de vida, explicita a ausência de projetos socioeconômicos na região e, principalmente, o fato dessas iniciativas não receberem apoio do poder público, a julgar pelo que diz o repórter, atua em conluio com os interesses dos grandes proprietários de terra: “Uma política estratégica do governo e dos fazendeiros é deixar o seringueiro em total miséria, lá no meio da selva para que ele se desestimize e venha para a cidade.” (p.82). “Fazendeiros do Sul, com incentivos do governo militar, passaram a expulsar posseiros e índios para instalar seus rebanhos nas terras devastadas pelo fogo.” (p.10). “Aproveitando a época de falência dos seringais e de débitos e insolvência dos seringalistas junto aos bancos, os especuladores compraram por preço baixo cerca de 5 milhões de hectares, ou um terço das terras do Acre.” (p.191).

Ventura refere-se aos anos 70, quando o governo deu início a um processo de ocupação da região amazônica com empresas e projetos de colonização, baseado numa prática predatória dos recursos naturais da região, para tanto expulsaram índios e seringueiros de suas terras. Com a especulação fundiária, antigos seringais foram vendidos e grandes grupos de empresários do Sul passaram a desmatar as florestas, retirando, assim, o meio de vida dos seringueiros e castanheiros.

Entende-se, assim, que as autoridades governamentais não atuavam no sentido de viabilizar a criação e regulamentação de espaços territoriais destinados às atividades do extrativismo. O poder que muitos políticos tinham na região beneficiava as ações de madeireiros e agropecuários. As relações de convivência de muitos representantes do setor público com as ações de fazendeiros da região são sempre focadas pelo autor, inclusive, as ações ilegais. E aí fica em evidência uma gente perseguida, que convivía com a impunidade, com a violência e com a injustiça, incentivada por pessoas representantes de setores públicos. Nos discursos que se seguem, Ventura dá nome a essas pessoas:

O assassinato de Chico Mendes tem uma originalidade. Poucas vezes uma vítima deixou um roteiro de investigação tão completo para a polícia [...] um dos nomes que eles formalizou por escrito como suspeitos de sua morte, tantas vezes anunciada, é o de Mauro Spósito, antigo superintendente da Polícia Federal no Acre. Alguém pode imaginar o delegado da cidadezinha de Xapuri – com esforço e até competência técnica, mas sem apoio político – enfrentando um subordinado do poderoso Romeu Tuma, diretor-geral da PF? É como o dr. Nilson mesmo diz: “No Brasil não é difícil identificar os executantes, mas os mandantes”. (p.39, grifo meu).

Chico enviou três telex: para o governador, para o secretário de Segurança e para Romeu Tuma. Ele denunciava que os pistoleiros Darly e Alvarino continuavam soltos tramando sua morte [...] outros telex eram

remetidos: para Romeu Tuma, para Paulo Brossard, então ministro da justiça, e para o presidente José Sarney. A mesma tecla: elementos ligados a UDR estavam tramando a eliminação do líder seringueiro. Igual silêncio. (p.67, grifo meu).

Como se vê, Ventura aponta os nomes do diretor-geral da Polícia Federal, o governador, o secretário de segurança, o ministro da justiça e até mesmo o presidente da república. Quando cita essas pessoas, Ventura coloca em voga a insuficiência de apuração no caso do assassinato de Chico Mendes, e, ao mesmo tempo a falta de vontade política para fazer valer a justiça região.

O repórter ilustra, assim, a situação caótica do setor jurídico e as relações sociais de poder político existentes na região, deixando mais evidente a situação de vulnerabilidade dos líderes seringalistas e extrativistas. O assassinato de Chico Mendes, motivo do livro-reportagem de Ventura, é o exemplo claro dessa situação. O trecho que se segue é bem enfático: “A explicação que me deram para que esse clima não seja tão visível é que os crimes são seletivos. Não se mata a torto e a direita [...] Só se matam lideranças de seringueiros.” (p.58).

Ventura, evidencia, assim, a relação conflituosa estabelecida entre seringueiros e fazendeiros na Amazônia. De um lado, os movimentos ambientalistas que apóiam seringueiros e índios, e de outro, os interesses de grandes projetos agropecuários. Observe-se a seguir um trecho da fala de Osmarino, um dirigente sindical e secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros:

Você já viu alguém ficar pacífico quando é despojado de sua casa, quando é ameaçado de perder o seu lar? Se chegarem à casa do governador e expulsarem, ele será um revoltado. É o que acontece com o homem da Amazônia: o seringueiro, o índio. Ele não é revoltado, ele quer defender o seu lugar para morar. Por exemplo: o seringal do meu pai, nós perdemos, foi loteado por conflitos de terra. (p. 60).

Como se percebe, Ventura indica o homem amazônida que enfrenta problemas por defender a floresta, justamente por precisar da natureza para sobreviver e que vê no movimento social a única forma de lutar pela criação e garantia de suas próprias políticas de desenvolvimento social e econômico. Os atos pacíficos contra a destruição da Floresta Amazônica, debates e palestras sobre a situação da região organizados pelas lideranças dos movimentos eram iniciativas nesse sentido. Por meio desses movimentos, a luta de Chico Mendes passou a ser seguida e reconhecida por ambientalistas e ONGs em defesa do meio

ambiente. No trecho que se segue, por exemplo, Ventura evidencia o segundo Encontro Nacional dos Seringueiros:

Faixas pregadas no ginásio onde se realiza o encontro: “Olhai as mulheres do campo” (Rede Acreana das Mulheres e Homens); “O Brasil não foi descoberto, o Brasil foi roubado” (Índio Kaimbé); “Eu sirvo de adubo para minha terra. Mas dela eu não saio” (Índio Pataxó); “Foram massacrados 45 milhões de índios no Brasil”. (p.113).

Utilizando as vozes de representantes dos povos tradicionais da Amazônia, Ventura expõe as dificuldades enfrentadas na região, os motivos de suas reivindicações no encontro. Somente por meio de movimentos como este, os seringueiros conseguiam o apoio de entidades ambientalistas e a repercussão de sua causa pelo mundo inteiro:

Em janeiro de 1987, Chico conseguiu que uma comissão da ONU viesse ao Acre observar a luta dos seringueiros contra o desmatamento dos fazendeiros. Os visitantes ficaram chocados e mais ainda quando ouviram de Chico a informação de que aquilo era “o resultado dos projetos financiados pelos bancos internacionais. (p.85).

Chico era recebido pela comissão de verbas do Senado dos Estados Unidos, carregando documentos que provavam as conseqüências que o desmatamento, com a abertura da estrada financiada pelo BID, estava causando. O seu raciocínio era lógico como a cabeça de um seringueiro: o desmatamento é provocado pela estrada financiada pelo BID. Logo, o BID estava financiando o desmatamento. No dia 2 de abril, o BID suspendia o resto do desembolso para o asfaltamento da estrada. (p.86).

Por meio dos movimentos organizados, o povo buscava garantir os interesses de permanência de seus territórios preservados. Assim eram estabelecidas as relações do povo amazônico que buscava a extração dos recursos naturais. O amazônida é, então, retratado nessa situação como aquele que arma suas próprias estratégias de sobrevivência. As práticas e modelos tão tradicionais na região indicados por Ventura também foram analisados aqui como ilustrativos dessa questão:

Assis contou o trabalho que os agentes tiveram para, “sem violentar a tradição”, conscientizar a população da floresta, principalmente as parteiras e os curadores, de que há certas doenças que não se curam com reza, como o mal do sétimo dia. (p.81).

Altino Machado me telefona para dizer que está marcada a minha ida ao Daime [...] sugere que eu reze e que vá com o pensamento positivo. “Se você for merecedor” [...] Terá miração e botará seus males para fora.” (p.117).

... fiquei tentado quando agora ele mesmo me procurou convencer a realizar outra experiência fitoterápica [...] tratava-se da “vacina do sapo” ou “Kambô”, que consiste na aplicação de secreção retirada de uma espécie de rã [...] Uma operação simples: o curandeiro pegou um cipozinho fino colhido na mata, queimou a ponta e com ela ainda quente fez as sete pequenas queimaduras [...] passou a secreção em cada um dos furinhos. Tomar a vacina do sapo com fins medicinais não é uma novidade para os povos indígenas, que usam a terapia também para afastar a “panema” [...] a má sorte na caça e com as mulheres. (p.185 e 186).

É possível inferir, assim, que na Amazônia as relações humanas e sociais ainda são povoadas por conhecimentos “tradicionais”. Saberes comuns do povo são usados para a solução de problemas do dia-a-dia e preencher a lacuna deixada pelo setor público da saúde, como também faziam os monitores do Projeto Seringueiro. No primeiro recorte, por exemplo, Ventura refere-se ao trabalho desses monitores que procurava chamar a atenção da população para os conhecimentos de saúde preventiva, sem desmerecer suas crenças, muito influentes na vida prática.

Já no segundo recorte, ao autor evidencia a “miração”, o estado físico em que fica uma pessoa que toma o chá alucinógeno usado nos rituais da seita Santo Daime. Os seguidores da seita acreditam que o chá tem o poder de curar doenças. Para os mesmos fins o povo toma a “vacina do sapo” ou o “Kambô”, posto em foco nesse terceiro recorte. A vacina é uma experiência fitoterápica advinda dos povos indígenas.

Outros modelos sociais de caráter tradicional são enfatizados pelo autor, como por exemplo, alguns aspectos referentes às relações familiares. A relação conjugal do amazônida, descrita por Ventura, revela ares de machismo; a mulher como subserviente ao marido; a bigamia; o grande número de filhos; os relacionamentos proibidos. Os discursos utilizados por Ventura podem ilustrar respectivamente cada aspecto desses citados:

O terceiro dia do encontro é das mulheres seringueiras, que criticam os maridos por serem machistas e ciumentos. Eles teriam herdado o moralismo tradicional dos cearenses, que colonizaram o Acre [...] Me lembrei da história quando mais tarde Ilzamar me falou do machismo de Chico Mendes. (p.113)

Darly Alves da Silva já era famoso nas redondezas de Xapuri por histórias que lhe atribuíam uma lendária virilidade, confirmada e exaltada por suas cinco mulheres [...] Com elas, ele treze filhos, embora admita que seja pai de “mais ou menos vinte e dois”. (p.152).

Naquela noite, a melhor ilustração para fertilidade da família seringueira foi dada por ele, com divertida imprecisão: “Lá em casa nós somos nove, parece que é nove; o meu tio Doca tem mais ou menos uns dez;

tio Pedro sozinho deve ter uns doze; a tia Maria deve ter na média de uns oito a nove, por aí [...]. (p.81)

... Almir ilustrava a informação de que a maioria dos casamentos nos seringais é feita com o roubo da moça pelo pretendente. É uma sábia prática em que todo mundo faz de conta: o rapaz finge que está roubando, a moça faz de conta que está sendo obrigada a fugir e o pai simula uma grande indignação. Há mais ou menos quatro anos, Almir fez o roubo de Graciete, assim. (p.78).

A Amazônia é, então, mostrada como um lugar que ainda abriga relações sociais muito arcaicas: o homem como superior à mulher; a virilidade e a fertilidade que o homem comprova no fato de ter várias mulheres ou no grande número de filhos, a honra da filha que deve ser mantida a todo custo, enfim, são diversos modelos de caráter antiquado, mas que são muito influentes nas relações do povo amazônida.

Trata-se de relações sociais pautadas em concepções, que, se situados nos dias atuais e até mesmo na época, apesar de ainda serem muito presentes, são considerados ultrapassados - já que são tão repudiados. Na verdade, mesmo caracterizando um momento mais contemporâneo da Amazônia, o ano de 2003, Ventura indica sim uma evolução na Amazônia, especificamente no Acre, principalmente no que se refere à infra-estrutura do lugar, porém, não indica mudanças sociais significativas. As políticas de desenvolvimento aparecem na voz do autor como um sonho, apenas perspectivas de progresso por parte de alguns, principalmente no que se refere ao cenário econômico.

Nem que seja por concessão, já que considera a floresta como bem público, o governador pretende fazer os acreanos se sentirem também donos da floresta, ganhando dinheiro com ela. “Estamos dedicando esse segundo mandato a fazer acontecer uma economia florestal sustentável, que incorpore a sabedoria dos antigos – dos índios, dos seringueiros – associada ao que a tecnologia e a ciência têm de mais avançado.” (p.222).

Pode-se verificar nesse trecho apenas anseios do governador do Acre Jorge Viana, e não coisas concretas para a população, a não ser, as relações de conflitos pela terra que não se davam mais na mesma proporção de antigamente, como se pode constatar nesta fala do proprietário rural Luiz Augusto Ribeiro referindo-se ao modelo de desenvolvimento adotado pelo governador de ceder apoio tanto aos extrativistas quanto aos latifundiários: “Ele é pelo direito: direito do seringueiro, direito do proprietário [...] o que facilita as coisas. Graças a isso, aquele passado de conflitos está esquecido.” (p. 219). “Por que hoje temos o poder público garantindo e legitimando o espaço do seringueiro, o espaço do madeireiro, o espaço

do pecuarista.” (p. 219). “Os dois me confirmaram o que pessoas do governo me haviam adiantado: que não há mais conflito nem tensão fundiária.” (p.220).

Apesar de enfatizar uma região amazônica mais pacífica, Ventura continua mencionando problemas: “‘Não que os interesses dos pecuaristas e os do governo sejam os mesmos’. Eles não se conformam, por exemplo, com os 20% que lhes é permitido desmatar para fazer pasto. Gostariam de ter 50%, como já tiveram.” (p.220).

Quando vi na estrada Rio Branco – Xapuri caminhões carregando toras de madeira supostamente certificadas, perguntei desconfiado, como seria possível controlar aquele fluxo. Me veio a lembrança de um dos entrevistados: “Ninguém desmata por prazer”. Haja escrúpulo e espírito público para resistir à tentação do lucro imediato. (p.223).

Os trechos deixam evidentes os mesmos problemas identificados pelo autor quinze anos antes: a depredação ambiental, a falta de fiscalização e os interesses lucrativos da pecuária, o que significa afirmar a ausência de projetos econômicos voltados para a atividade extrativista.

Um frágil setor social na região é enfatizado nos discursos do autor, como neste do prefeito de Xapurí, Júlio Barbosa: “Pois é, no seu tempo era a violência do latifúndio, a disputa da terra; agora temos que enfrentar a droga.” (p.193). “Sim, uma passeata, ou melhor, um “Manifesto pela paz”: estudantes, jovens, adultos, autoridades desfilando pelas ruas portando cartazes e gritando palavras de ordem contra as drogas, os assaltos e contra a violência doméstica.” (p.193). Observe-se também:

O desembargador Arquilau [...] atribuía duas causas ao surgimento do crime organizado no Acre. A primeira, mais remota, e nem por isso menos decisiva, seria consequência do processo de desmatamento dos anos 70, com expulsão dos moradores da floresta para a periferia das cidades. Só naquela década, a população de Rio Branco aumentou de 36 mil para 92 mil habitantes. O inchaço criou um caldo de cultura propício à exploração da miséria por meio da violência: prostituição, drogas, contrabando. A outra causa está ligada ao que Nilson disse: a melhoria das estradas facilitou a conexão do narcotráfico com poderosos centros produtores de cocaína como Bolívia, Colômbia e Peru. (p. 215 e 216).

Os discursos transmitem a imagem de um espaço amazônico evoluído, diferente, mas não menos contrastante. As mazelas sociais são bem mais notórias e aparecem como sintomas das dificuldades de gerenciamento do poder público na região. As mudanças descritas por Ventura não são positivas, no sentido de maior autonomia econômica da população, geração de emprego e renda e qualidade de vida. O que se percebe é que a população que depende da

atividade extrativista continua sem apoio e isolada. A sociedade continua convivendo com a carência de políticas públicas, processo propício para o crescimento desordenado da população nas cidades, a criminalidade e a desestrutura familiar. E aí fica em foco uma sociedade que arma suas próprias estratégias para superar a desigualdade e a injustiça na região.

3.4 A Amazônia e o Brasil

Como cenário de sensações e impressões registradas por Zuenir Ventura nos anos de 1989, 1990 e 2003, a região amazônica é situada, de uma forma singular, em relação ao restante do Brasil e até do mundo. Os discursos, em sua maioria, acompanhados de estranhamentos, acabam situando a Amazônia como um lugar afastado em relação ao país, portanto, arcaico e atrasado.

Os resultados analisados nas três seções anteriores já são bem sugestivos quanto a essas posições, pois são discursos que mostram importantes singularidades da realidade amazônica, construindo, assim, determinadas imagens da região. Nesse sentido, na tentativa de se identificar e ilustrar melhor a maneira como o autor constrói essas imagens, em alguns pontos de análise, inevitavelmente, há a retomada de algumas questões já tratadas nas três seções anteriores desse capítulo de análise.

O que se pode dizer é que tais imagens, decorrentes sempre de um estranhamento por parte do autor - constituindo-se, assim, de amostras exóticas - demonstram a inquietação e curiosidade diante dos costumes, concepções e modelos dos amazônidas. Nos discursos que seguem, por exemplo, Ventura transmite uma região que causa fascínio e curiosidade por ter aspectos de uma selva: a presença de índio, mato e bichos.

Assisto a uma *cena curiosa. O índio Ailton Krenak está sendo entrevistado por uma televisão holandesa. Jovem, bonito e inteligente, é a imagem de um príncipe das selvas, com seus cabelos negros e compridos que de vez em quando joga para trás. Acho que a repórter, uma coroa loura, visivelmente fascinada, está se dizendo. (p.112, grifo meu).*

Nessa mesma região, no rio Moa, *ele ficou impressionado com a quantidade de cobras existentes. “Não encontrei uma pessoa que não tivesse sido mordida por uma”.* Quis saber o que faziam quando eram mordidas e soube que as vítimas eram levadas para o pajé, o médico da tribo. “E qual é a mortalidade em consequência das mordidas?”, ele perguntou. Não conheciam nenhum caso. (p.189, grifo meu)

É possível perceber o estranhamento de Ventura com as duas situações. E nesse caso, a ideia de que a Amazônia é um lugar selvagem, tão enfatizada em outros gêneros discursivos que tomam a região como objeto discursivo, está também em foco nessas vozes do autor. Numa alusão às impressões do autor descritas na primeira seção deste capítulo de discussões, em que ficam evidentes diversos estranhamentos do autor em relação à natureza do lugar, já se pode verificar nitidamente uma Amazônia situada como uma região selvagem, não muito propícia à convivência humana. Tanto é que no final do livro, o autor faz a seguinte indagação:

A permanência de Chico Mendes quinze anos depois de sua morte só reforça um mistério que não consegui decifrar: como foi possível nascer e crescer no meio da floresta, num pequeno canto verde que cremos mais propício aos bichos e às plantas, um exemplar tão fecundo da espécie humana? (p.230).

Esse trecho resume muito bem o estranhamento de Zuenir Ventura com o espaço amazônico. O autor destaca uma caracterização selvagem, feroz e animal, por isso questiona aquilo que está explícito em toda a sua narrativa: como um ser humano consegue conviver nesse ambiente? E para elucidar mais a sua indagação, toma como amostra da espécie humana – e, mais especificamente, do povo amazônico – Chico Mendes. Por isso ele o caracteriza no trecho como “fecundo” - um ser produtivo, fértil, criativo, de uma rica imaginação, um homem que dá muito e grandes resultados (INSTITUTO ANTONIO HOUAISS). Tal estranhamento do autor deixa a impressão de que a Amazônia não é lugar para um homem como Chico Mendes, de tanto atributos, justamente por ser um local selvagem, longínquo, sem o contato com os centros urbanos do país.

Quando relata determinados fatos que ocorrem no lugar, Ventura também demonstra-se perplexo, como se fossem coisas impossíveis de acontecer na Amazônia. Observe-se: “A incrível presença de estrangeiros na capital do Acre em fins de março, durante o Segundo Encontro dos Seringueiros e Primeiro dos Povos da Floresta, o movimento dos bares e hotéis (...)” (p.34). “Na noite seguinte à chegada, eu estava na mesa de um restaurante que mais parecia do Rio de Janeiro ou São Paulo, pela badalação.” (p.112). “Eis quem, de repente, encontro na cidade: a repórter Glória Maria. Ao vivo. Achei que era uma miração.” (p.117). (Grifos meus).

Como se vê, o autor destaca as situações como inusitadas, utilizando, em cada trecho algum termo que indica o seu desencontro com o mundo dos amazônidas. Os termos

“incrível” e “miração” reforçam mais a ideia de que tais situações – a presença de estrangeiros ou de gente famosa, a badalação dos bares e restaurantes – surpreendem o autor.

Até mesmo as situações de violência na região são indicadas como anormais. Ventura as expõe como problemas próprios de centros urbanos. O trecho que segue é a voz do repórter diante de um “Manifesto pela Paz” realizado por estudantes e autoridades nas ruas: “Não era possível. Em pequena escala, parecia a repetição do que eu vivera semana antes em Copacabana [...] Que é isso, Júlio, nossa Xapuri virou cidade grande?! Violência urbana cara”. (p.193, grifos meus). Pode-se dizer, assim, que Ventura situa a região como um lugar remoto, pacato e longe dos problemas sociais frequentes em outras regiões. Mesmo referindo-se ao ano de 2003, Ventura deixa transparecer essa mesma impressão, observe-se:

Rio Branco já tem direito até a nostalgia bucólica. Há quem reclame do progresso, “dos carrinhos de supermercado em detrimento de carregar sacolas pelo velho mercado central”. O lamento é de um cronista local: “O acreano de hoje faz rodinha em nossos arremedos de shopping, frequenta com prazer as pizzarias, boates e outros bunkers da moda, com a mesma desenvoltura que paulistas e cariocas trafegam por sua selva de pedra, tão contrária à nossa. No novo Acre, computador, internet e celular começam a invadir aldeias indígenas e seringais. (p184, grifo meu).

O tom nesses discursos diretos e indiretos também é de estranhamento, como se a região não fosse lugar para comportar a evolução tecnológica e outros modelos sociais. Na verdade, o autor faz comparações, sempre enfatizando a supremacia dos centros mais urbanos do país em relação à Amazônia, que acaba sendo situada como um lugar em que os modelos sociais de outros lugares e as modernidades demoram a chegar.

Estes recortes podem ilustrar a visão de Ventura: “Nessas florestas de solidão, não se sabe o que pode estar acontecendo com a imaginação e o desejo de pessoas simples, muitas das quais já olham para o gravador e máquina fotográfica como se estivessem olhando para a câmera.” (p.34, grifo meu). “O nosso correspondente em Washington, Manoel Francisco Brito, descreveu há tempos no JB como essa mulher que não conhecia elevador, neon, bidê, telefone sem fio, arranha-céu, não se deslumbrou com nada disso.” (p.44, grifo meu). “Chico Mendes hospedado no Waldorf-Astoria, em Nova York, tendo no andar de cima Ronald Reagan, esnobando seu cicerone, Ted Turner, e perdido na parafernália de comandos do banheiro – ‘O que é chuveiro aqui, Marco?’” (p.90, grifo meu). “... d. Lindaura, proprietária do Veneza Hotel, de doze quartos malcheirosos [...] não sabe que já existe uma coisa chamada registro de hóspedes.” (p.104, grifo meu).

Os recortes evidenciam que o povo amazônico ainda era muito estranho a determinadas inovações da época. Ventura situa, assim, a Amazônia como se fosse “o fim do mundo”. No posfácio do livro, Marcos Sá Corrêa, referindo-se à viagem do autor à região, declara: “... estar pronto [...] quer dizer pronto para começar tudo de novo, entregando-se aos mosquitos do Acre com blocos de notas [...] para destino aonde ninguém vai a passeio e uma vaga ideia do que encontraria pela frente.” (p.232, grifo meu).

A voz de Marcos Sá presente na obra de Ventura já situa a Amazônia como um lugar horrendo, misterioso e distante. A sua fala é bastante eloqüente e concebe a região como um lugar sem atrativos suficientes. Essa concepção de afastamento e isolamento da região é tão forte que Ventura mostra-se impressionado até mesmo com as influências que a cultura amazônica recebe:

Curiosa terra essa em que o insulamento – metade do ano só se chega aqui de avião – forjou um povo cheio de si, mas não ensimesmado. Parece uma capital do Rio de Janeiro – como alias sempre pareceu. Aquelas fotos do início do século, com os homens de colete e casimira e as mulheres de chapéu, não são mimetizações da Europa, mas influência carioca. (p.103, grifos meus).

Analisando o significado dos vocábulos destacados, verifica-se que Ventura deixa implícito algumas indagações como estas: Como um povo que vive tão distante, isolado, consegue incorporar modelos culturais do Rio de Janeiro? Como pode esse povo ser cheio de si? Como pode esse povo, que vive tão afastado de outras culturas, não ser um povo “ensimesmado”, isto é, não ser um povo retraído, mas um povo comunicativo?

Entende-se que Ventura situa a região amazônica a partir da concepção que tinha antes de conhecê-la, quando enfatiza um lugar longe do convívio social de outros lugares; um povo incomunicável e ao mesmo tempo a sua concepção após conhecê-la. Na verdade, a concepção anterior é sempre enfatizada à medida que enfatiza ares de surpresa e espanto com as realidades verificadas no lugar.

Quando o autor volta-se para a centralidade na temática ambiental, apontando a região como detentora de diversos recursos naturais, a imagem de afastamento e atraso da Amazônia também pode ser verificada. A título de maior esclarecimento para essa questão é importante fazer uma alusão ao ensaio de Rosane A. Steinbrenner intitulado “Dimensão discursiva das mudanças sócio-ambientais na Amazônia”. Segundo a autora a centralidade ambiental está presente em várias vozes evocadas de diversos campos de produção de sentido

e funda-se, na verdade, na ideia do mito do “Eldorado”, “que se manifesta na visão exógena da região a partir do uso (ou não uso) de suas riquezas naturais [...] a região como fonte disponível de riquezas naturais para a solução de problemas externos.” (p.01).

Acredita-se, assim, que uma perspectiva semelhante a do mito do “Eldorado” é refletida nos discursos de Ventura, por isso a centralidade na temática ambiental – como se verifica nas outras seções de análise desse capítulo – destacando, então, as riquezas naturais mal exploradas pela população da Amazônia. Nesse sentido, o autor a situa, em relação ao restante do Brasil e até do mundo, como a região dotada de uma natureza que abarca a solução para diversos problemas do planeta, como se fosse a “salvação do mundo”. Nos trechos que se seguem, o autor enfatiza tal ideia, suscitando a escassez de subsídios necessários para transformar os recursos naturais disponíveis em potenciais econômicos, como possuem os “olheiros” do exterior, com seus interesses lucrativos:

Como sempre nesses casos, a biopirataria na Amazônia é um fato, os gringos chegaram na frente, e, pelo menos desde os anos 80 pesquisam propriedades e substâncias da secreção do sapo verde, entre as quais a demorfina e deltorfina, que já são produzidas de forma sintética e usadas para fortalecer o sistema imunológico. Já se encontra uma dezena de registros e patentes no Japão, Itália, França, Israel e, principalmente, EUA. Elson soube que as substâncias isoladas e patenteadas são justamente as mais fortes, com o comprovado efeito curativo contra o câncer e a Aids, sem falar no colesterol. (p.186 e 187).

Sua tese é que essa região abriga, como nenhuma outra, os três fatores fundamentais para o futuro da humanidade, ou seja, para o seu desenvolvimento sustentável: a sociodiversidade, a água e biodiversidade. Segundo ele, esses elementos só existem em sistemas naturais do tipo da Amazônia, em especial no Acre [...] Em outras palavras, está se falando de diferenciação e variedade culturais; da abundância de um bem que está em extinção no mundo; e da incrível riqueza de nossa floresta. (p.188).

Como se percebe, por meio de discursos indiretos, o autor indica um possível desenvolvimento diante das noções simbólicas de biodiversidade e sustentabilidade tão enfocadas atualmente, suscitando, assim, o interesse científico e econômico pelo mundo natural da Amazônia. Deixa, assim, em foco uma região como lugar de interesse capitalista.

Vale usar aqui a afirmação de Wilson Nogueira: “Amazônia, como natureza, sociedade e cultura, é, também, o resultado do processo histórico de expansão do modo de produção capitalista e das suas formas de intervenção: mercantilismo, colonialismo, imperialismo, internacionalismo e globalismo.” (2008, p.31).

A prática da biopirataria mencionada pelo autor reforça essa idéia e ao mesmo tempo sugere a existência de um acesso fácil à região, por isso a ênfase na presença de intervenções gananciosas dos chamados “piratas” e, ainda, na expansão da economia extrativista predadora realizada pelos próprios amazônidas. E aí o autor destaca um povo que não sabe cuidar de sua terra e que não valoriza as riquezas que o meio natural oferece, o que dá margem para as ações ilegais na região, situando-a, assim, como uma “terra sem lei e sem dono”. Eis que Ventura destaca uma Amazônia mal cuidada:

Ele mesmo, num hotel da Itália, fora procurado por um grupo de empresários dizendo que eram quase agredidos, quando revelavam sua nacionalidade. Havia motoristas que xingavam os brasileiros de “assassinos” e até os hambúrgueres do McDonald’s estavam sofrendo uma campanha, sob o pretexto de que a carne era de boi criado em fazendas que devastavam a floresta.

- Se o governo destinasse hoje bilhões de dólares para reverter essa imagem na Europa, faria um investimento em vão – confessou. (p.97).

Observe-se, ainda: “Camelo começava dando boas-vindas “à gritaria internacional”, pois reconhecia que era graças a ela que se verificara que “de fato estamos explorando a Amazônia de forma predatória e irresponsável.” (p.101). Ambos os trechos abarcam as falas de Fernando César Mesquita, presidente do Ibama à época, referindo-se às dificuldades por que estavam passando os brasileiros no exterior diante da repercussão sobre os desmatamentos na região. Os discursos indicam a repercussão da imagem de uma Amazônia mal cuidada e mal gerenciada, portanto, uma região vulnerável às ações predatórias; uma terra sem lei.

Aliás, sempre que o autor se refere à justiça, a região é situada como um lugar de impunidade, de ilegalidade e ineficiência. Os trechos que se seguem podem ilustrar essa observação: “Sem querer, o juiz me convencia de que a justiça aqui é inviável. As testemunhas morrem de medo, a polícia não tem condições técnicas e materiais para investigar e os promotores praticamente não existem.” (p.71, grifo meu). “Saio sem ver concretizado aquele sonho de um judiciário independente, com força para tomar suas decisões, inclusive contra o próprio governo, contra o próprio poder público.” (p.210, grifo meu). Os trechos que se seguem são bem mais enfáticos quanto à indicação de uma Amazônia como uma terra sem lei e de injustiça:

Genésio Ferreira da Silva é um cidadão precoce que o destino tentou pela convivência e pelo exemplo transformar em pistoleiro. Mas nem isso

nem a condição de testemunha-chave do processo Chico Mendes evitaram o desamparo e a solidão de uma criança que resolveu escolher o atravancado caminho da legalidade numa terra onde ela não pegou. (p.31, grifo meu).

Durante os quatro dias de julgamento pôde-se assistir ao emocionante espetáculo da Justiça chegando ao Acre, depois de décadas de impunidade, para arbitrar entre o choque do avanço que significava Chico Mendes e o atraso que representava a família Alves da Silva, a luta entre o Brasil moderno e o arcaico, entre civilização e barbárie. (p.124, grifo meu).

Em todos os trechos, verifica-se que o autor dá ênfase, direta e indiretamente, à insuficiência da justiça na região. Os dois primeiros trechos referem-se aos discursos do juiz Aldair José Longuini – autor da sentença dos assassinos de Chico Mendes, indicado por Ventura como um dos poucos que buscavam a legalidade na região – que apresenta a sua avaliação sobre o poder judiciário em 2003. Utilizando-se desses discursos, o repórter indica a ausência da justiça na região, apontando para alguns efeitos dessa questão: a situação de medo, a falta de estrutura para as ações da polícia, a ligação do poder judiciário com interesses do governo.

Quando usa a expressão, nesse terceiro trecho, “o atravancado caminho da legalidade numa terra onde ela não pegou”, Ventura é bem enfático em dizer que a Amazônia é um lugar sem lei. E nesse quarto trecho, mencionando o julgamento de Chico Mendes, o repórter deixa mais evidente essa imagem. O fato é situado como um marco da justiça, já que muitos crimes ficam impunes na região.

E mais uma vez, a Amazônia é situada como lugar de modelos obsoletos: o conflito entre líderes ambientais e os fazendeiros na disputa pela terra. De um lado o avanço e de outro o atraso, respectivamente, a Amazônia arcaica e a moderna, civilização e barbárie. Acredita-se, assim, que Ventura apresenta a situação de injustiça na região para reforçar a imagem de atraso. Os trechos que se seguem também são importantes no que se refere a essa caracterização:

Quando estava deitado na mesa de cirurgia do hospital com uma equipe de médicos em volta, o pelotão de H. Neto invadiu a sala e despejou sobre o paciente uma quantidade de tiros suficiente para matar uma quadrilha. [...] Como nenhum dos passageiros do carro jamais ouvira alguém confessar a autoria de doze disparos sobre uma pessoa [...] ficaram todos com cara de espanto e medo. (p.24, grifo meu).

Arquilau me havia dito: “Foi uma benção esses jovens terem assumido a justiça Federal no Acre”. À coragem e competência dos três se deve o desmantelamento da organização criminosa comandada pelo então deputado

Hidelbrando Pascoal, que ficou famoso nos anos 90 pelo poder que detinha no estado e pela crueldade: cortava as suas vítimas ainda vivas com uma motoserra. Condenado a mais de trinta anos está cumprindo pena na penitenciária de Rio Branco com mais 37 cúmplices. (p.204, grifo meu).

O médico Efrain Mendoza [...] contou pouco dias antes da morte de Chico Mendes estava numa mesa de jogo no clube Rio Branco, onde funciona um cassino clandestino, quando viu entrar o ex-seringalista Gaston Mota [...] Mota saiu acompanhado de dois seguranças particulares do ex-prefeito de Rio Branco, Adalberto Aragão [...] Poucos minutos depois, Gaston Mota voltou com os dois seguranças e um parceiro de mesa chamado Zé Arigó, que disse o seguinte: [...] Dentro de cinco dias, o Chico Mendes vai morrer. (p.74, grifo meu).

Os trechos elucidam bem a caracterização que Ventura faz da região. Em cada um, há a indicação da barbárie na Amazônia. O autor menciona fatos ocorridos que indicam a presença da criminalidade ao extremo: a ação dos pistoleiros, as mortes encomendadas, os assassinatos brutais, com requinte de crueldade, praticados, inclusive, por homes da lei (o delegado H. Neto) e por pessoas ligadas ao poder público (o Deputado Idelbrando Pascoal e o ex-prefeito Adalberto Aragão).

Por meio desses fatos, Ventura ilustra a imagem já afirmada nos outros discursos: a ineficiência da justiça e os atos de selvageria. Pode-se dizer, assim, tendo como base todos os estranhamentos e desencontros de Ventura com a realidade do lugar em relação à realidade de outros lugares “mais urbanos” – como fica visível na voz do autor –; os confrontos apresentados, sempre acompanhados de idéias tão eloqüentes em outros gêneros de produção de sentido, isto é, a presença constante de diálogos com posições tão antigas e tão atuais sobre a Amazônia, considera-se que diversas concepções que o autor tinha do lugar antes de conhecê-lo, foram preponderantes nas suas descrições. Isso equivale a dizer que idéias tão remotas sobre a região amazônica foram mantidas pelo autor, mesmo quando se refere a um período não tão distante, o ano 2003. A supremacia dessas ideias situa o lugar, em relação a outras partes do país, como um lugar pouco desenvolvido, afastado – não somente por limitações geográficas –, onde ainda existem modelos socioculturais muito arcaicos.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A pesquisa foi desenvolvida com o objetivo geral de contribuir para a compreensão de como a Amazônia é caracterizada no do livro-reportagem “Chico Mendes: crime e castigo”, do jornalista Zuenir Ventura e orientou-se a partir da concepção dialógica da linguagem, tal como é proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006).

Desse modo, foi como enunciado, isto é, como a materialização textual de uma enunciação, de um ato de linguagem por meio do qual seu autor insere-se e assume posições particulares na inacabável cadeia da comunicação discursiva, que foi tratado o livro-reportagem.

Identificando a voz do autor no enunciado, bem como a maneira pela qual essa voz se posiciona em relação a outras (explicitamente presentes no texto, por meio de menções e referências diretas, ou não), espera-se ter cumprido os objetivos do estudo voltados para a caracterização que o autor faz da natureza amazônica; das relações do amazônida com o meio ambiente; das relações humanas e sociais; e a maneira como é situada a região em relação ao país.

Quanto à caracterização da natureza amazônica, pôde-se perceber que os discursos indicam sempre um meio ambiente selvagem. Os obstáculos apontados por Ventura, os perigos que ele diz ter enfrentado, a angústia, o medo, as descobertas extraordinárias, a adjetivação assombradora dispensada à mata, são traços observados na voz do autor quando descreve a natureza amazônica, principalmente, quando se refere à fauna, à flora e ao clima da região.

A observação desses traços e tomando como base as inferências de Neide Gondim (1994) sobre o dualismo inferno/paraíso, projetado nas obras teóricas e nas narrativas de viajantes, indicam que Ventura – mesmo não afirmando isso no texto - descreveu a natureza amazônica dialogando com uma perspectiva semelhante a do “inferno verde”, isto é, o diálogo sobre a natureza é construído com base na concepção da “floresta como um grande obstáculo para a ação do homem” (RANGEL, 2001). As descrições da fauna, flora, clima e hidrografia apontam para uma natureza considerada infernal e não paradisíaca. Não é uma natureza de deslumbramentos e maravilhas.

No que se refere à maneira como o autor descreveu as relações estabelecidas entre o homem e a natureza da região, os discursos enfatizam uma série de problemas relacionados à floresta Amazônica. Trata-se de uma caracterização que toma a Amazônia com uma grande

diversidade de riquezas naturais sofrendo as intervenções de ações humanas, por meio de atividades de exploração econômica. De um lado as atividades extrativistas de seringueiros, índios e ribeirinhos, os quais são descritos como aqueles que primam pela preservação dos recursos naturais. E de outro, as ações dos grandes latifundiários, madeireiros e agropecuários, indicados na narrativa como o grupo de indivíduos que agem de forma desordenada e predatória sobre a natureza da Amazônia.

Constata-se, assim, que Ventura faz alusão a discursos que têm como foco a relação integrada entre o homem e a natureza da região amazônica e ao mesmo tempo, a relação do homem “estrangeiro”; aquele estranho à natureza do lugar. Trata-se de uma caracterização que concebe dois grupos antagônicos que dependem da natureza e a transformam, segundo seus interesses.

Já a caracterização que o autor faz das relações humanas e sociais na região amazônica são suscitadas pelo autor como resultados da falta de políticas públicas voltadas para as necessidades da população, principalmente no que se refere ao modelo de desenvolvimento vigente no lugar, no sentido de maior justiça social e no uso racional e conservacionista dos recursos da natureza. O autor transmite, assim, a imagem de um espaço amazônico de relações sociais contrastantes, onde o povo constrói suas próprias estratégias para sobreviver e conviver com os diversos problemas sociais na região resultantes da ineficiência de gerenciamento do poder público.

Os discursos, em sua maioria, acompanhados de estranhamentos, acabam situando a Amazônia como um lugar afastado, em relação ao país, portanto, arcaico e atrasado. Por meio de comparações das realidades da região com as de outros lugares do país, Ventura destaca uma situação de atraso, um lugar sem subsídios necessários para a efetivação do desenvolvimento social.

Considera-se, assim, que a pesquisa participou do grande diálogo presente na obra de Ventura, isto é, possibilitou a identificação das posições assumidas pelo autor - as falas alheias utilizadas, afirmadas, negadas, confirmadas - apresentadas aqui como comprovação das relações dialógicas que constroem a Amazônia como realidade semiótica. Espera-se que os resultados possam contribuir para uma compreensão integrada sobre a caracterização da Amazônia no livro de Zuenir Ventura.

Neste sentido, espera-se ter desenvolvido consistentemente os conhecimentos teóricos e a competência metodológica e operacional necessários para a pesquisa sob o referencial teórico-metodológico adotado no projeto. Espera-se, ainda, que o estudo possa

contribuir para ampliar a compreensão sobre a aplicabilidade do método dialógico a um gênero específico do discurso jornalístico – o livro-reportagem –, bem como para uma compreensão mais ampla sobre tal gênero e, especialmente, sobre a maneira como a região amazônica é caracterizada em enunciados do gênero publicados contemporaneamente no Brasil. E que o estudo possa se constituir de uma importante contribuição para futuros pesquisadores e para o desenvolvimento do campo de estudo ao qual se vincula.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasi, 1989.

CATALÃO JR, A. H. **Jornalismo *Best-Seller***: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. 2010. 252f. Dissertação (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara – SP. Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GODIM, N. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero. 1994.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Minidicionário Houaiss da língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.671.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas – Boi-Bumbá, ciranda e sairé**. Manaus: Editora Valer, 2008.

RANGEL, A. **Inferno Verde**. 5 ed. Revista Manaus: Editora Valer, 2001.

STEINBRENNER, Rosane. **Dimensão discursiva das mudanças sócio-ambientais na Amazônia: Centralidade Ambiental x Invisibilidade Urbana**. VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. – Belém – PA.

VENTURA, Z. **Chico Mendes: crime e castigo**. São Paulo: Companhia de Letras, 2003.